

História do Movimento LGBT no Brasil

Rhanielly Pereira do Nascimento Pinto

Universidade Federal de Goiás

Goiânia - Goiás - Brasil

rhaniellypereira@hotmail.com

Resenha da Obra: GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (Org.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. 1.ed. São Paulo: Alameda, 2018.

No ano de 1978 nascia o movimento homossexual brasileiro (MHB). Iniciado no contexto dos anos de chumbo¹, o movimento emergia da renovação cultural e problematização do pensamento da esquerda brasileira. Aliando-se aos movimentos de mulheres e feministas, ao movimento negro, à pauta ecológica e a alguns setores da chamada “nova esquerda”, o movimento surgia num processo de contestação proveniente ao movimento de liberação homossexual iniciado na Argentina em 1967 e nos Estados Unidos em 1969².

A coletânea de artigos organizada por Marisa Fernandes³, James Green⁴, Renan Quinalha⁵ e Marcio Caetano se esforça em preencher uma lacuna historiográfica que tem se

¹Aqui estamos delimitando como os “anos de chumbo” a ditadura militar que se iniciou em 1964 no Brasil. Ver: FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.24, n.47, 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882004000100003&script=sci_arttext >. Acesso em 2 ago. 2019.

² Aqui, nos referimos ao processo iniciado em 1967 com a formação do grupo Nuestro Mundo e posteriormente em 1969 com a formação da Frente de Liberação Homossexual na Argentina. Já no contexto norte-americano estamos nos referindo à revolta de Stonewall e a formação do Gay Front Liberation.

³ Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo, a pesquisadora e ativista tem efetuado contribuições aos estudos lésbicos e participou ativamente do Grupo Somos, o primeiro grupo de liberação homossexual no Brasil.

⁴ Professor na Universidade de Brown nos Estados Unidos, o brasileiro tem inúmeros trabalhos sobre História da Homossexualidade no Brasil.

⁵ Professor do Departamento de Direito da Universidade do Federal de São Paulo tendo como sua pesquisa de doutoramento as dinâmicas da censura e violência a população LGBT no período ditatorial.

desanuviado nos últimos anos. Em forma de 30 capítulos partindo da perspectiva de que o movimento homossexual no Brasil surgia através da emergência do *Lampião da Esquina* (1978-1981) e do grupo *Somos* paulista, os ensaios debatem as contradições dos discursos de memória sobre o período e reacende pontos até então esparsos em obras como *Além do Carnaval* (2000) e *Devassos no Paraíso* (2018).

Contendo 30 artigos a coletânea coloca em evidência relatos de ativistas-pesquisadores do movimento que hoje denominamos como LGBTI+⁶. Desse conjunto de textos, 10 discutem especificamente a arena política e cultural da primeira década do movimento. As narrativas sobre o período e as perspectivas políticas do grupo *Somos* são discutidas nos textos de João Silvério Trevisan, James Naylor Green, Edward MacRae, Rita de Cassia Colaço Rodrigues e Ronaldo Trindade estabelecendo as características do início do movimento sob o prisma de um rizoma identitário que aos poucos começava a estabelecer uma crítica ao padrão *bofe/bicha* (MACRAE, 1990).

Estes textos efetuam uma discussão complexa dos aspectos liberacionistas do movimento, isto é, de sua cooptação ou não por alguns setores da esquerda do período. Além disso, Trindade em sua contribuição *A invenção do ativismo LGBT no Brasil: intercâmbios e ressignificações*, contesta a ausência do diálogo entre as influências dos movimentos latino-americanos na trajetória brasileira e a maciça discussão sobre a influência do *Gay Power* norte-americano, sem de fato minimizar a sua presença.

Sua crítica surge como um ponto fundamental entre historiadoras e historiadores que nos últimos anos vem ampliando a lupa interpretativa sobre aqueles primeiros anos. É neste sentido que os textos de Renan Quinalha, Rafael Freitas Ocanha, Michele Pires Lima, Patrícia Melo Sampaio, Helena Vieira e Yuri Fraccaroli amplificam a dimensão interpretativa sobre a relação entre as violências sofridas e as resistências protagonizadas por estes sujeitos historicamente subalternizados. Estes últimos trabalhos evidenciam, sobretudo, a continuidade da agência do aparato repressivo do Estado, seja em sua ação direta ou através de sua ausência seletiva, no período consideravelmente mais “calmo” da ditadura.

Desse modo, novas narrativas começam a ser incorporadas ainda sobre esse período, mesmo que ainda muito pequenas frente aos inúmeros textos que discutem amplamente a homossexualidade masculina como tema central do debate. Marisa Fernandes, ao discutir

⁶ Diferente dos autores do livro utilizamos a nomenclatura para abarcar o grupo de dissidentes das normas de gênero e sexualidade impostas em nossa sociedade. São eles: lésbicas, bissexuais, gays, transexuais, travestis, intersexuais, queers. Para um aprofundamento sobre a sigla ver: REIS, Toni. (Org.). Manual de Comunicação LGBTI+. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018.

o protagonismo das mulheres lésbicas neste mesmo período histórico, deixa evidente a urgência de ampliação sobre os estudos dos ativismos lésbicos e feministas-lésbicos no Brasil trazendo sobretudo o aspecto da dupla militância em evidência.

É a partir dessa ideia de múltiplas militâncias que o texto de Benito Bisso Schmidt emerge. Intitulado de *“João ama Pedro! Porque não?”: a trajetória de um militante socialista em tempos de redemocratização*, o historiador dá visibilidade à experiência vivida por Zezinho, homossexual e socialista, deixando evidente as dificuldades da abordagem e da experimentação da convergência entre o debate sobre sexualidades e a esquerda política no período de redemocratização no Partido dos Trabalhadores (PT) de Porto Alegre. Em certa medida, seu trabalho nos lembra também a excepcional trajetória de Herbert Daniel⁷ publicada no mesmo ano dessa obra.

Herbert e Zezinho podem nunca ter se encontrado, mas partilhavam os reflexos e as ambiguidades da velha e da pretendida nova esquerda no Brasil. Através destas dinâmicas de continuidades e descontinuidades que Cristina Câmara, Luiz Mott e Rodrigo Cruz avançam temporalmente o debate. Câmara coloca a agenda política do grupo Triângulo Rosa em destaque enquanto Mott traça sua própria trajetória paralelamente ao surgimento do Grupo Gay da Bahia. As contribuições destes dois grupos se conectam e interseccionam à medida em que mergulham na política institucional brasileira que é habilmente descrita por Rodrigo Cruz ao evidenciar as eleições de 1982.

Presente também nesses autores está a discussão focalizada no trabalho de Marcio Caetano, Claudio Nascimento e Alexsandro Rodrigues. Os autores, ao discutirem o papel da epidemia de AIDS e seus efeitos nos movimentos, se conectam à trajetória do decano do movimento LGBTI+, o Grupo Gay da Bahia e de seu interlocutor mais próximo, o já mencionado Triângulo Rosa. A discussão sobre os efeitos do surgimento do vírus HIV e da epidemia de AIDS na segunda metade da década de 1980 parece ser fundamental para trabalhos que pensem a trajetória do movimento LGBTI+ no Brasil.

Estes autores deixam evidente a necessidade de ampliarmos as linhas de interpretação sobre os significados e as experiências históricas de sujeitos que atravessaram os anos do trauma ainda não superados pela comunidade LGBTI+ brasileira e também pela ausência e contínua estigmatização dos sentidos sociais que o vírus ganha no debate público até o presente. Ao mesmo tempo os regimes de visibilidade sobre as questões da comunidade

⁷ Ver: GREEN, James Naylor. Revolucionário e gay: a extraordinária vida de Herbert Daniel – pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

parecem nos últimos anos ter se alterado através da inclusão de narrativas não hegemônicas dentro do próprio movimento e também fora dele.

Deste modo, Ana Cristina Conceição coloca em evidência as especificidades das mulheres negras e lésbicas dentro do movimento. Em seu texto estas dinâmicas intragrupo saltam à história. Nessa mesma tendência, Elias Ferreira Veras traz à tona o regime de visibilidade das travestis através do debate do tempo farmacopornográfico. Seguindo sua narrativa historiográfica de acomodação desses sujeitos históricos em um espaço e tempo específicos, as narrativas de Jaqueline Gomes de Jesus, João W. Nery, Alexandre Peixe e Fabio Morelli viabilizam a discussão das trajetórias políticas de travestis e pessoas trans na história do movimento LGBTI+ brasileiro, incorporando uma temática espinhosa dentro da própria comunidade e do movimento.

Agrupadas as especificidades históricas de parte da sopa de letrinhas, o debate de Moacir Lopes de Camargos marca o processo de transição entre a primeira geração e o reacender do movimento LGBTI+ utilizando e repensando as paradas como um elemento fundamental para tal virada. O texto de Camargos se articula diretamente com as propostas de aproximação com o presente através das discussões propostas nos últimos anos.

Tais discussões se alargaram através da agenda política atual do movimento, isto é, da luta em companhia ao Estado para uma construção de uma lei pela criminalização da homofobia e transfobia. Este debate é transcrito no ensaio de Paulo Roberto Iotti Vecchiatti e alargado nas discussões de Lucas Bulgarelli, Luma Nogueira de Andrade e Bruna Andrade Irineu. Ambos os autores trabalham a partir de um estabelecimento da agenda atual de luta do movimento.

Irineu traz consigo as últimas disputas e tensões dentro do movimento com um recorte temporal que tem como pano de fundo o início da crise política da qual ainda estamos inseridos. Bulgarelli e Andrade se organizam discutindo este mesmo panorama, seja através do espectro da conjuntura nacional, seja pela atuação da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura.

De forma geral, os efeitos deste livro se articulam e apresentam outras agendas possíveis, apontando os últimos trânsitos entre a academia e a política ao estabelecer a discussão sobre o crescente questionamento colocado dentro dos estudos *queer* e suas possíveis pontes dentro de um movimento LGBTI+. Essa articulação ainda parece ser tímida, como apresenta Leandro Colling, mas pode garantir algumas leituras de maior efetividade do quadro necropolítico ao qual os(as) LGBTI+ estão inseridos(as).

Dessa forma, a obra *História do Movimento LGBT no Brasil* é uma obra que se pretendeu ambiciosa e que se articula no lugar da intersecção entre o passado e os desafios do presente. A coletânea de artigos sugere que o debate sobre sexualidades e gênero precisa ainda se complexificar nos próximos anos caso queira de fato falar através da sigla LGBTI+. Compreender as violências simbólicas referentes à bissexualidade dentro da dinâmica intragrupo ou ainda evidenciar a dura batalha médico-judicial na qual historicamente a trajetória de intersexos deve adensar e diversificar o debate.

Referências

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.24, n.47, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882004000100003&script=sci_arttext>. Acesso em 2 ago. 2019.

GREEN, James Naylor. *Além do Carnaval: a homossexualidade do século XX*. 1ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Revolucionário e gay: a extraordinária vida de Herbert Daniel – pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão*. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: igualdade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

REIS, Toni. (Org.). *Manual de Comunicação LGBTI+*. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI+/GayLatino, 2018.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*. 4.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

SOBRE O AUTOR

Rhanielly Pereira do Nascimento Pinto é mestrando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

Recebido em 02/12/2019

Aceito em 19/04/2020